

42º Encontro Anual da Anpocs;
GT 13: Gênero, trabalho e família
Gênero, cuidado e trabalho na família multiespécie
Kênia Mara Gaedtke

Gênero, cuidado e trabalho na família multiespécie

Kênia Mara Gaedtke

Neste trabalho, busco apresentar algumas das conclusões presentes na tese de doutorado “Quem não tem filho caça com cão: animais de estimação e as configurações sociais de cuidado e afeto”, defendida no fim de 2017 no programa de pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Aqui, pretendo discorrer sobre um aspecto bastante marcante da pesquisa: as relações entre gênero, cuidado e trabalho na família multiespécie – ou seja, na família composta por membros não só humanos, mas também de outra(s) espécie(s), os animais de estimação.

As definições daquilo que se considera um pet¹ tem se tornado mais complexas. Para Wrye (2009, p. 1037), sociólogos e outros estudiosos, particularmente aqueles que trabalham no campo das relações animal-humano, devem lembrar que traçar essas definições deve ser um exercício cauteloso, pois investir em um dualismo pet/não-pet suspeitosamente lembra afirmações do humano como exceção, que situa os seres humanos em oposição aos animais.

Animais de estimação não têm características essenciais e são exclusivamente criados pela visão que os seres humanos têm deles. Esta é provavelmente a razão pela qual não está acordada uma definição do que torna um animal um animal de estimação – há simplesmente muitos traços que ambos os animais - de estimação ou não – possuem (WRYE, 2009, p. 1043, tradução minha).

No entanto, ainda que consciente dessa dificuldade em classificar animais de estimação, é possível encontrar uma recorrência na literatura que dá conta do tema, que traz as seguintes características: animais que passam a ser encarados como membros da família, muitas vezes como “irmãos” ou “filhos”, ou como sujeitos de direitos, tendo no contexto familiar o papel de satisfazer às necessidades humanas de companhia, amizade e amor incondicionais. Animais que oferecem aos humanos novas identidades e cujas

¹ Por mais que se trate de uma palavra estrangeira, opto por usá-la sem itálico, a fim de enfatizar que seu uso é cada vez mais recorrente e está incorporado em nossa sociedade.

presenças incentivam novas formas de consumo. (CARVALHO & PESSANHA, 2012; PASTORI, 2012; SEGATA, 2012; OLIVEIRA, 2006).

A partir disso, tem-se a constatação de que é preciso pensar relacionalmente: O pet não é necessariamente um tipo de animal em si; é uma condição que se dá na relação. É algo definido por uma espécie, a humana, que convencionou que outras determinadas espécies são boas para algo – boas para comer, boas para amar, boas para trabalhar, etc.

As principais referências empíricas dizem respeito a uma pesquisa de campo realizada em 2015 em um Hospital Veterinário em Curitiba – PR, localizado em uma região nobre da cidade. Ali, realizei observação participante em dois períodos daquele ano, entrevistas com duas veterinárias e uma estagiária da área. A partir da indicação da diretora do hospital, pude realizar, também em 2015, uma visita e entrevistas em um crematório de animais no município de Pinhais – PR, que mantém parceria com o hospital, bem como entrevistas com três mulheres cujos animais de estimação haviam morrido recentemente e se dispuseram a falar sobre o processo de luto. Essas entrevistas com as responsáveis pelos animais foram determinantes na pesquisa. Visualizei a partir daí uma oportunidade, mas também um grande desafio: conversar com pessoas que passaram por uma situação de luto pela morte de um animal de estimação permitiria um avanço enorme em direção aos objetivos da pesquisa, mas ao mesmo tempo, como tratar de algo tão delicado quanto a morte e o enlutamento?

Ao contrário do que imaginei, consegui relatos espontâneos, aos quais nem precisei apontar questões – trabalhei então com entrevistas não-estruturadas e/ou abertas. As informantes, em verdade, mostraram-se muito entusiasmadas² com o fato de poder falar de seus animais, e se emocionaram bastante ao longo dos relatos, rindo, chorando, mostrando fotos e vídeos no celular.

Como pesquisadora, busquei me manter consciente de que o recorte empírico era muito específico, ligado a um grupo social num cenário urbano, com boas condições financeiras e alto grau de escolaridade. Não seria possível expandir minhas teorizações para todas as relações interespecíficas existentes. Mesmo assim, a questão das relações de classe (e seus conflitos) ainda não havia surgido tão intensamente no campo.

² De qualquer forma, não posso deixar de citar que algumas pessoas que contatei me pediram desculpas, mas disseram que ainda não estavam preparadas para falar sobre a perda do seu animal, e se recusaram a conceder-me entrevista.

No entanto, ao fim do ano de 2016, quando eu já havia finalizado o campo previsto no projeto, uma conversa em uma aula promoveu um profundo repensar dessa temática: eu lecionava sociologia para uma turma de Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal – estudantes com o perfil típico desse curso: pessoas oriundas de grupos sociais economicamente vulneráveis, que retornavam para a escola depois de muito tempo, com um histórico de desemprego e/ou subempregos. Naquele dia, tratávamos de como fazer pesquisa social, e lhes expliquei, a título de exemplo, um pouco sobre minha pesquisa de doutorado.

As discussões sobre os produtos e serviços hoje disponíveis para pets (fisioterapia, psicoterapia, cremação, cerveja, panetone, sorvete, óleo de massagem, tatuagem) os deixaram estupefatos. Mas três estudantes em especial chamaram minha atenção: elas haviam trabalhado como empregadas domésticas em casas em que havia cachorros de estimação, e uma delas chegou a ser cuidadora dos animais quando a patroa viajava. Suas histórias eram impressionantes e enfatizavam que os conflitos de classe também estavam ali, imbricados nas já complexas relações interespecíficas.

Pedi então às estudantes que fizéssemos um encontro para tratar disso e utilizei o método de grupo focal, também a partir da proposta metodológica de Flick (2009). A partir do grupo focal com as estudantes, intensificou-se o caráter socioeconômico característico do campo que eu vinha pesquisando até aquele momento. O enfoque manteve-se ainda nas classes médias e altas e suas relações com os pets, mas os conflitos e tensões existentes na relação entre os indivíduos dessas classes e as trabalhadoras domésticas, sob a perspectiva das últimas, mostrou-se um material empírico muito rico. Passei a considerar essas informações em minhas reflexões sobre o tema, e apresento aqui uma amostra das conexões interpretativas que esses campos tão diferentes me possibilitaram, partindo da ideia de *famílias multiespécies* e suas relações com as questões de gênero, cuidado e trabalho.

Famílias multiespécies

No início da modernidade, a ideia de família (ocidental) era única e exclusivamente humana. As relações de proximidade com animais eram desaprovadas. A presença de animais de estimação provocava suspeita moral, principalmente se estes fossem admitidos à mesa ou mais bem alimentados que os servos. Nos séculos XVI e XVII, a

maior parte dos agricultores ingleses – que até então viviam na “casa ampla”, mistura de casa e cocheira – colocou os animais para fora de casa (THOMAS, 2010, p. 52-53).

Dentre o conjunto de transformações que ocorrem nas configurações familiares no cenário das sociedades urbanas contemporâneas, interessa aqui particularmente a noção de famílias multiespécies. O uso, neste trabalho, do termo *multiespécie* para designar uma família, tem base analítica, e não necessariamente nativa. Contudo, o sentimento de que o animal é, de fato, parte da família, está presente o tempo todo nas informações do campo e na literatura já estabelecida.

Faraco e Seminotti (2010) apresentam esse conceito a partir de Bowen (1978), apontando a existência de um sistema familiar emocional, que permite incorporar não só pessoas da família estendida ou sem grau de parentesco, mas membros de outras espécies, como cães, gatos ou outros.

Nessa composição familiar, os membros animais não só recebem nomes próprios e equivalentes a nomes que se dariam aos filhos humanos, como também podem ser registrados em cartório com o sobrenome da família; muitas vezes ocupando o papel de filhos, podem estar vinculados tanto ao movimento intitulado *childfree*, que são pessoas que defendem uma vida sem filhos humanos, quanto inseridos em contextos em que há crianças e adolescentes. Aí, os filhos animais teriam também, muitas vezes, o papel de irmãos. De maneira geral, o que se observa é a “filhotização dos animais”, como apontaram Lewgoy, Sordi e Pinto (2015), o que é também reiterado nas falas dos informantes desta pesquisa: as veterinárias entrevistadas são unânimes ao dizer que a grande maioria dos clientes trata os animais como filhos, e apontam os aspectos positivos e negativos disso. Por um lado, o cliente tende a dispensar um maior cuidado com o animal; mas pode também ocasionar problemas comportamentais nos animais, que agiriam tais como filhos “mimados”.

Dentre as informantes responsáveis por animais, há quem faça a defesa de que “criança é criança, animal é animal”, mas o olhar para o animal como *neném* é cada vez mais presente.

A gente deixava a televisão ligada o dia inteiro porque eu achava que como ele estava sozinho, a televisão iria ajudar. Todo mundo dizia “gente, não tem nada a ver isso aí”, mas eu penso assim, então eu deixava ligada, e ainda colocava no Discovery Kids (risos) e de manhã

cedo eu falava “olha neném, vai começar a Peppa” e ele olhava, então ele assistia mesmo (Responsável pelo Godofredo, 2015).

Ao criar um cachorro como um bebê, as tarefas típicas do cuidado com um pequeno humano também se incorporam no cotidiano da família multiespécie, tal como limpar o animal após a defecação ou colocar para dormir.

A Tininha quando fazia as necessidades dela você tinha que fazer o *paninho paninho*, você tinha que limpar a bunda dela com lenço umedecido ou com paninho molhado, mas só eu fazia! Ninguém levantava o rabo pra limpar, se eu viajasse uma semana e ficasse tudo duro, ia ficar duro, porque ela não deixava (Responsável pela Tininha, 2015).

O único probleminha que teve foi que ele não mexia mais o rabo, então a cada *popô* você tinha que limpar com um lencinho, tinha que passar Hipoglós porque ele ficava assado, todo o mês, tinha que passar talquinho pra não ficar fedido, no verão quando estava quente, ao invés de passar lencinho a gente lavava, pra não ficar assado, dava banho. [...] Toda noite [colocava o animal para dormir]. Até ele pegar no sono. Deitava no chão, na caminha dele, e minha mãe brigava comigo porque eu comecei a ter dor na coluna. Ficava toda torta com ele, mas se eu não fosse ele ficava latindo e não dormia. (Responsável pelo Godofredo, 2015).

Há então uma questão fundamental para compreender a família multiespécie: mais do que os animais serem filhos, as mulheres são mães. A vinculação com a ideia de instinto, que é tanto animal quanto materno, é muito presente quando as mulheres se referem aos animais dizendo que “foi ela quem me escolheu” ou “ele quem me adotou”.

Cheguei lá, olhei o Godofredo, ele olhou pra mim, só tinha ele à venda, os outros já tinham sido todos vendidos, eu não sabia que era só ele, eu o peguei e falei “esse é meu, vou levar, depois o meu marido vem conversar com você”. Não perguntei preço, se podia, nada. Só coloquei ele em mim e decidi que ia levar (Responsável pelo Godofredo, 2015).

O papel - geralmente auto atribuído - de *mãe de pet* é causador de uma das maiores polêmicas envolvendo as relações interespecíficas. Até onde se observa, é possível afirmar que a presença do animal como partícipe de uma família é muito mais bem aceita em nossa sociedade do que a ideia de que mulheres responsáveis por animais sejam suas mães. Assim, o status do animal pode até ser revisto pela opinião pública, de aceitar que ele passa a fazer parte de uma família. No entanto, o papel de mãe ainda é defendido por muitos grupos como algo intrínseco às relações entre as mesmas espécies.

A disputa se acirra quando o dia das mães se aproxima, especialmente nas mídias e nas redes sociais. Analisando algumas postagens sobre o tema em blogs e sites nacionais, percebi que há um perfil mais ou menos comum entre quem defende e quem critica o uso dessa expressão. As postagens a favor das mães de pets foram encontradas em sites que oferecem produtos e serviços para pets, ou em blogs de mulheres que defendiam a “maternidade canina” a partir das suas próprias experiências.

Dentro do amor e do respeito, mãe de pet também é mãe e nada mais justo que parabenizar todas vocês nessa data linda. *Mãe é aquela que cuida, se preocupa, coloca o filho em primeiro lugar, não se desconecta nem mesmo por um segundo. Mãe é mãe...é aquela que dá o melhor colinho do planeta!* (Site de camas e capas para pets³, grifos meus).

Muito se discute sobre o real sentido da expressão “mãe de animais”. Há quem diga que não, não existe maternidade na relação dono e animal, mas a verdade é que quem sustenta esse sentimento por seus pets também carrega consigo diversas *responsabilidades e prazeres* da vida materna humana, principalmente o amor incondicional pelos bichinhos (Site de empresa de fisioterapia animal⁴, grifos meus).

Em nome de todas que se autointitulam “mães de cachorro”, tomo a liberdade de explicar nosso ponto de vista mais um pouquinho. *Nos sentimos responsáveis pela vida daquele animalzinho.* Damos comida,

³ “Mãe de pet também é mãe!”. Disponível em: <<http://www.lassie.com.br/2017/05/11/mae-de-pet-tambem-e-mae/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

⁴ “Mãe de animais – o dia das mães também é nosso!”. Disponível em: <<http://petfisio.com.br/mae-animais/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

remédio, banho, ficamos atentas à saúde, queremos que seja feliz – se jogando numa poça de lama ou roendo nossa almofada preferida. Para quem não tem filhos biológicos – como eu – é o sentimento mais próximo de ser mãe que conheço. Então, por achar que ser mãe de um bebezinho é algo tão nobre, tão digno e um desejo meu tão grande, me sinto invadida por orgulho quando dizem que sou mãe deste senhorzinho de quatro patas aqui ao meu lado (Coluna em site de moda e comportamento⁵, grifos meus).

O discurso da maternidade presente na relação entre mulheres e seus pets aparece normalmente vinculado às noções de amor incondicional, afeto, cuidado e responsabilidades. Em um site especializado em pets, uma matéria apresentava ilustrações sobre o cotidiano de uma mãe de cachorro, e trazia afirmações como “mães de cachorros chegam atrasadas no trabalho porque sempre têm dificuldade para conseguir se despedir do cãozinho” e “durante as reuniões [de trabalho], as mães de cachorro não conseguem parar de pensar no bem-estar do pet”⁶. Ainda que o tom fosse de brincadeira, é perceptível que uma das mais comuns justificativas utilizadas pelas mães de pets é justamente a de que elas se ocupam e preocupam tanto quanto uma mãe de um filho humano.

Por outro lado, os textos que criticam o uso da expressão *mãe de pet* aparecem, principalmente, em blogs feministas, que problematizam a romantização da maternidade e apontam a injustiça presente na comparação entre ser responsável por um animal e por uma criança. De acordo com essa perspectiva, as responsáveis por pets não enfrentam, em virtude da existência destes, dificuldades exclusivas da maternidade humana, tais como inserir-se e manter-se no mercado de trabalho, as dores do trabalho de parto ou a espera de anos por adoção, julgamentos morais por sair para divertir-se sem os filhos ou por ser mãe solo, além de ser responsável pelos estudos e formação.

Um pouco de empatia faz bem. Não adianta querer bater o pé falando que mãe de gente e mãe de pet são a mesma coisa, porque não são. Nós, mães, já somos *muito* silenciadas. Você, “mãe de pet” ou não, pode

⁵ “Mãe de cachorro também é mãe?”. Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/lifestyle/mae-de-cachorro-tambem-e-mae/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

⁶ “Ilustrações mostram o que é ser mãe de cachorro”. Disponível em: <<http://www.petcidade.com.br/ilustracoes-mostram-o-que-e-ser-mae-de-cachorro/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

ajudar um pouco a mudar isso. Nós, mães, existimos e resistimos, a nossa luta é diária, é dolorida, é cansativa. Nós sofremos por ser mulheres, negras, periféricas – e por sermos mães, a sociedade nos exclui duas ou três vezes mais (Blog feminista, grifo no original⁷).

Amo o Ernesto e acho o máximo ter cachorro. Amo muito e cuido muito, não tô dizendo que não dá trabalho. Ainda que seja tudo mais simples, ele faz sujeira, come, toma banho, precisa brincar e passear, fica doente e vai no médico. Faço com o maior prazer do mundo, dou e recebo muito amor dele, mas nada disso me faz mãe. O que me faz mãe são dois espuletas de cabelos encaracolados, eles, sim, me fazem mãe (Blog sobre adoção⁸).

Uma blogueira feminista, ao escrever sobre a polêmica, diz ter revisto sua posição de *mãe de cachorras* após refletir sobre o assunto – “são meus amores, mas não são minhas filhas”:

O fato é que elas [as mulheres críticas ao uso da expressão] têm razão. Mãe de cachorro, mãe de gato, mãe de tartaruga, não é mãe. A carga social sobre mães de humanos é infinitamente diferente da carga social sobre *mães* de bichos. Uma coisa não é comparável a outra a ponto de se usar o mesmo nome. Ser mãe é opressor, dentro do mundo em que vivemos hoje. E eu já falei aqui mil vezes, nada acontece no vácuo, não dá pra ignorar todo o significado que uma palavra aparentemente inocente carrega e tudo o que essa palavra traz para a vida das mulheres (Blog sobre feminismo e veganismo, grifo no original⁹)

Essa é uma discussão que ocorre essencialmente entre mulheres – inclusive porque é bem raro deparar-se com a expressão *pai de pet*. Osório (*in* Bevilacqua e Velden, 2016) cita uma pesquisa realizada em 2009 em uma rede social relacionando as palavras

⁷ “Mãe de pet? Esse texto é pra você” Disponível em: <<https://feminismonapratica.wordpress.com/2016/08/23/mae-de-pet-esse-texto-e-para-voce/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

⁸ “Ninguém é mãe de pet”. Disponível em: <<https://papaisadotantes.com/2016/05/03/ninguem-e-mae-de-pet/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

⁹ “Mãe de cachorro é mãe?”. Disponível em: <<https://geofaust.wordpress.com/2015/05/15/mae-de-cachorro-e-mae/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

“mãe/mamãe e dona” e “pai/papai e dono”. Na primeira relação, surgiram algumas comunidades que defendiam que os responsáveis por animais de estimação não deveriam ser vistos como donos ou donas, e sim como pais e mães – na defesa de que animais não são propriedade. Já na busca por “pai/papai e dono”, um número muito maior de comunidades tratavam de propriedades de empresas, e praticamente nenhuma falava de animais de estimação.

Andréa Osório também mostra que vários estudos sobre protetores de animais indicam que essa é uma atividade feminina. “O cuidado com os cães seria uma tarefa mais comumente desempenhada pelas mulheres do que pelos homens, na medida em que o cão é uma criança e o cuidado das crianças é visto como tarefa feminina” (OSÓRIO *in* BEVILACQUA & VANDER VELDEN, 2017, p. 57)

Há várias outras questões de gênero presentes nas famílias multiespécies. Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) apontam a dificuldade analítica disso, sendo necessário não estigmatizar ou estereotipar uma situação que já é, por si só, bastante complexa. No caso apresentado por estes autores, as próprias protetoras de animais apresentavam uma indignação maior quando os casos de maus-tratos ou o abandono provinha de uma mulher¹⁰.

No hospital veterinário, observou-se aos menos três facetas da generificação da relação humano-animal: alguns responsáveis ainda mantêm um discurso que relaciona castração com comportamento esperado para homens e mulheres. De acordo com as veterinárias, enquanto há, responsáveis (geralmente homens) que recusam a castração de seus cães machos por afirmarem que isso tiraria a sua masculinidade, uma senhora idosa, aguardando a castração de sua cadela, me falou que a fêmea finalmente aprenderia a lição e pararia de se *oferecer* aos cachorros da vizinhança – o que me remeteu a uma espécie de castigo moralizante, ligado ao estereótipo mulher caseira, que se resguarda.

Uma segunda questão se refletiu na própria obtenção de entrevistas: Os homens contatados para falarem sobre a morte do seu animal não se dispuseram a tal, e dos casais contatados, vieram para as entrevistas apenas as mulheres. Isso por si só já é um dado relevante, mas a partir de outros elementos do campo, como as entrevistas com as veterinárias ou as observações no hospital, é perceptível que as mulheres tendem a se posicionar em relação aos animais de uma maneira mais protetora, muitas vezes

¹⁰ O trabalho de Pessanha e Carvalho (2015) também traz esse elemento.

maternal, enquanto os homens os veem como amigos, como companheiros. Este é um aspecto das famílias multiespécies que merece atenção, visto que de certa maneira representa a complexidade que envolve a masculinidade e a paternidade nas sociedades contemporâneas.

Um terceiro aspecto relaciona-se a uma divisão sexual do trabalho ao lidar com o corpo do animal morto. Em vários relatos, imediatamente após a morte, a figura da mulher se recolhe na esfera íntima enquanto os homens cuidam dos trâmites da destinação do corpo. Por outro lado, a ritualística posterior à morte (altar, fotos, destinação simbólica das cinzas, etc.) é uma tarefa predominantemente feminina.

O luto pela perda do animal, obviamente, não se restringe às mulheres – mas uma das mortes que acompanhei no hospital (e cuja responsável depois se tornou uma informante) foi muito exemplar do fenômeno do luto na família multiespecífica. Na manhã em que cheguei para iniciar as observações no Hospital Veterinário, Godofredo havia acabado de morrer. Eu apenas adentrava naquele universo e já acompanhava o desespero da *vó* de Godofredo - que foi a primeira a chegar e perguntava nervosa pelo animal -, depois o da *mãe* e do *pai*. Foi uma cena forte. A recepção do hospital ficou tomada de um clima triste, de luto, com clientes e profissionais com os olhos mareados. Fiz o registro em meu diário de campo:

Enquanto eu estava na recepção, reparei que as veterinárias buscavam fichas com certa aflição. Depois fiquei sabendo que estavam à procura do contato do responsável pelo cão, pois não queriam ligar para a esposa, temendo dar-lhe a notícia diretamente. A [veterinária] então ligou para o responsável. Voltou com cara de choro. Disse que ele apenas repetia “filha da puta, filha da puta”. A esposa havia mandado mensagens no whatsapp à veterinária, perguntando “como está o meu grandão?”, ainda sem saber o que havia acontecido. A veterinária me disse que recebia frequentemente fotos de Godofredo com roupinhas, em datas comemorativas. Parecia bastante abatida. [...] Vou para a recepção. Uma senhora está chorando, e pergunta por Godofredo. A recepcionista informa que ele está lá embaixo, e que a doutora já vem. Passa um tempo. Chega uma moça, jovem, chorando, e abraça a senhora. Ficam em silêncio, chorando. Entra um homem um pouco depois, senta-se afastado das duas. Luana chega à recepção, olhos de

choro. Vai em direção à moça, em silêncio, e a abraça. Após um abraço relativamente longo, a segura pela mão, e conduz os três – a moça, o homem e a senhora – para dentro. São os responsáveis por Godofredo, um jovem casal, acompanhados da vó do cão, mãe da moça. Em conversas posteriores no hospital, me dizem que o homem tem demonstrado interesse em ter filhos, mas que a mulher afirmava que não queria, pois tinha Godofredo e ele necessitava de muita atenção. Isso seria motivo de conflitos entre eles. [Uma veterinária] me disse posteriormente que, na sua opinião, o amor dela, da *mãe*, já havia passado um pouco do limite, como se tivesse projetando no animal um amor de mãe (Diário de campo, 15/1/2015).

A mãe de Godofredo, bancária, não foi ao trabalho no dia seguinte à sua morte. Sequer saiu do quarto. Disse-me, posteriormente, que o gerente do banco compreendeu sua ausência, afinal, segundo ela, “todo mundo lá sabia que o meu gordinho era a minha vida”. Aqui, vale apontar que já há, em alguns municípios brasileiros, discussão sobre projetos de lei que dão licença aos trabalhadores que perderem seus animais, o que aponta uma ampliação da legitimidade do luto quando da perda de um pet.

Antropomorfização dos pets e a divisão sexual do trabalho doméstico

Diante de tamanha expectativa por adequar a convivência com os pets às configurações de civilidade de uma sociedade, os sentimentos, no interior das famílias multiespecíficas, são intensos e muitas vezes controversos, tais como em uma família exclusivamente humana. A ideia de sacrificar-se pelo outro, a noção de culpa e as crises devido à presença dos animais podem ser mais constantes do que se imagina a priori. Os animais doentes, moribundos, são os que mais incitam as falas de sacrifício. Mais que mero sentimento de auto piedade ou altruísta, o sacrifício pelo outro mostra-se aqui enleado no paradoxal *petshismo* apresentado por Digard (1999), que vê a relação com os pets como um fetiche das sociedades urbanas contemporâneas, supervalorizada e ao mesmo tempo coisificada, permeada de consumo. Uma fonte inesgotável de amor verdadeiro, mas ao mesmo tempo uma responsabilidade do doar-se.

A ideia do animal *especial*, que requer cuidados para além de um animal comum, carrega em si a noção do sacrifício:

A gente teve um bebê especial, que dá mais trabalho ainda! Eu morria de medo de alguém maltratá-lo, nossa, e a gente pensava que ele era mimado porque ele era especial, né? Porque ele tinha tudo quanto era problema, a gente brinca que ele era especial, tadinho (Responsável por Godofredo, 2015).

Encontrei a Sofia numa situação super triste, ela estava obesa, diabética, cega, que foi o que mais me chocou quando a gente chegou. E eu fiquei totalmente sem chão, a gente não sabia o que fazer! Aí a cachorrinha ficou na casa da minha irmã, eu ia lá todos os dias, eu tinha a chave da casa, ia à noite com o meu marido, íamos ali, tratávamos, ficávamos com ela, levávamos no parque no fim de semana [...]. Mas acho que todo animal você tem que fazer isso, tem que cuidar dele. (Responsável pela Sofia, 2015).

Muitas vezes a relação se restringe à compaixão e ao cuidado, e já não há mais, necessariamente, o prazer da convivência: “Eu não curtia mais a Sofia, isso é que foi o pior. Na verdade eu só cuidava dela” (Responsável pela Sofia, 2015). Mas mais do que isso, no campo, algumas vezes, a noção de cuidado se mostrava confusa: um cuidado que vai entre saúde e doença e o envelhecimento do animal e o de si mesmo. Um medo da morte que está ligado ao medo de sua própria morte. Refleti sobre isso inúmeras vezes, e os registros estão no diário de campo do hospital:

Uma senhora de 79 anos traz sua cadela, Bambi, para cortar as unhas, fazer exames de rotina e averiguar algo que sua filha constatou: Bambi está com o olho esbranquiçado. [A responsável] diz que não havia percebido nada, mas se mostrou preocupada com a possibilidade de que o animal esteja doente, especialmente porque ela própria é diabética e já gasta muito dinheiro com a sua saúde. Me parece que sua fala vai da saúde da cadela à sua própria saúde, sem uma separação muito nítida. Me chama a atenção seu relato de ter trazido a cadela no colo, apesar da

dor que sente por ter problema na coluna. Afirmou que a cadela não anda na rua de jeito algum – ainda que, quando está dentro de casa, não para um minuto. O dia está quente e ensolarado, e fico imaginando a cena daquela velha senhora carregando seu animal (que não é pequeno) no colo (Diário de campo, 17/8/2015).

Essa complexidade das relações interespecíficas é perceptível em várias esferas da vida, das quais optou-se, aqui, por concentrar-se nas questões ligadas ao cuidado. E, afinal, o que é o *cuidado*? Burke (2014) revela que o termo é vago e impreciso por si só, e que sua conotação varia ao longo do tempo e da cultura. Para ele, o ideal é que nos tornemos conscientes das maneiras como fazemos nossas práticas do cuidar, como sustentamos nossos discursos no aqui e agora, e das forças sociais e culturais que formam a nossa noção de cuidado – que está longe de ser meramente instintiva.

Burke utiliza as informações sobre os cuidados com as crianças, os velhos, os doentes e os pobres nos últimos quinhentos anos no Ocidente para mostrar como foi ocorrendo uma série de transformações na ideia de cuidado, cada vez mais institucionalizado e secularizado. Ainda que o historiador esteja tratando dos cuidados de humanos com humanos, acredito que é possível estendermos sua reflexão para as relações de cuidado no interior das famílias multiespécies.

Assim como Burke nos lembra que o cuidado não é necessariamente instintivo, também não o são os arranjos familiares – especialmente os multiespecíficos. Assim, vale notar que a presença de membros de outras espécies na família, e a forma como são tratados, nem sempre é algo consensual ou pacífico dentre os seus membros. Os conflitos nas famílias geralmente emergem nas entrevistas e nas observações no campo, e podem estar atrelados à dissonância entre como se dará essa relação (quais espaços o animal ocupará, quanto de atenção, de tempo e de recursos tomará dos membros humanos, etc.), à falta de confiança de que um humano cuidará suficientemente bem do animal, ou até mesmo por ciúmes – e aqui, o ciúme é um sentimento que pode partir tanto do humano quanto do animal.

Eu disse “gente, mas você não é veterinária?”, e aí eu me sinto meio assim, porque eu já levei uma dessas: “a veterinária sou eu”, então pra falar qualquer coisa, por exemplo, sobre a doença da Sofia, foi muito difícil pra mim, porque minha irmã dava a entender que tudo ela sabia.

Só que ela sabia, mas não teve atitude nenhuma pra ajudar. Não fazia nada, ela não fez nada. Ela ficou de braços cruzados esperando a coisa acontecer (Responsável pela Sofia, 2015).

E tinha que ter tapete em casa, tá? Porque ele só dormia no tapete. E meu marido brabo, reclamando que o tapete tinha cheiro de cachorro, que a casa tava com cheiro de cachorro, e eu dizia é o tapete dele, ué? O que eu posso fazer? Se tirasse o tapete ele ficava brabo! (Responsável pelo Godofredo, 2015).

Outra razão de conflito deve-se à falta de consenso sobre quais os “limites” do membro não-humano, especialmente em relação aos lugares que pode frequentar, alimentos que pode ingerir, e quais “travessuras” serão toleradas. O impasse se estende para além da própria família, compreendendo também quem faz a limpeza da casa ou cuida do animal.

[A patroa] e eu discutimos algumas vezes porque toda semana era a mesma coisa: eu tinha acabado de limpar o chão e o cachorro entrava correndo todo sujo de lama e grama e sujava tudo de novo. Porque ele podia entrar e sair na hora que queria, ele fazia o que queria naquela casa! (Estudante II, grupo focal, 2016).

Na divisão sexual do trabalho existente no interior da família multiespécie, tornar o membro não humano minimamente civilizado para o convívio com os demais é um trabalho essencialmente maternal; afinal, uma boa mãe deve dar uma boa educação aos seus filhos. Nesse sentido, o discurso em defesa da antropomorfização enfatiza não só a aproximação entre o humano e o animal, suas ligações mais íntimas, aquelas que tornam o afeto possível – afinal, já não se tratam mais de animais selvagens, mas de amigos ou filhos, próximos a nós – mas também a responsabilização dos humanos envolvidos no processo. Invariavelmente, aqui, a mulher.

O asseio e a compostura são alguns dos conceitos mais caros à civilidade, como nos mostra Elias (1994, p. 72); no entanto, o autor aponta que, paradoxalmente, é muito difícil falar sobre isso: “O maior ou menor desconforto que sentimos com essas pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou

restringem essas funções menos que nós, é um dos sentimentos dominantes no juízo de valor ‘bárbaro’ ou ‘incivilizado’”.

Aos indivíduos não-humanos agraciados com sua aceitação e inserção num ideal civilizatório, fica a obrigação de seguir o modelo. Como aponta Segata, a humanização dos animais de estimação nos remete à equivalência biológica que existe entre nós e eles:

Cães vestidos como crianças, gatos no colo, chamados de “meu menino”, animais abatidos para o consumo ou dependentes de fluoxetina formam o protótipo de uma imagem controversa, que se traduz tanto em sensibilização como em reprovação, justiça ou exagero, dever ou heresia. Igualmente, o que vem como reflexão geral é aquilo que cabe na provocação de que a chave que aciona essas medidas se nutre da suposição de uma igualdade moral – a de que *os animais também são gente*. Mas [...] muitas dessas diretivas se valem de uma equivalência biológica – a de que *os humanos também somos animais*, ou seja, a crescente humanização dos animais não se nutre apenas de equivalências culturais (SEGATA, 2012, p. 278).

A importância dada à higiene e limpeza na relação interespecífica fica evidente quando se analisa o mercado: há hoje uma oferta abundante de produtos para higiene tanto do animal (sabonete, shampoo, condicionador, óleo, perfume, hidratante, loção para banho seco, lenço e toalha umedecida, absorvente e fralda descartável, fluido para limpeza de orelhas, loção limpa patas, botas higiênicas, gel e escova dental, ...) quanto da casa, carro ou outro espaço em que o animal circule (tapete, areia ou granulado higiênico para defecação, educador sanitário, rolo adesivo, capa anti-pelo, desinfetante, pó para remoção de dejetos, neutralizador de odores, e outros). O nome deste último produto é exemplar de um dos objetivos principais de todo esse aparato de limpeza: *neutralizar odores*, retirar do pet suas características, distanciá-lo da animalidade dos maus cheiros e perfumá-lo com uma fragrância de cheirinho de bebê. A preocupação de neutralizar odores é presente tanto no ambiente residencial quanto no hospitalar, e a propaganda de alguns produtos concentra-se nas clínicas e hospitais como público-alvo.

Além de manter a casa livre dos odores e resíduos do animal, é importante que os seus pertences combinem com a decoração da casa – outra tarefa consagradamente feminina na divisão do trabalho doméstico. Ainda que em princípio pareça algo banal,

praticamente todos os materiais publicitários de camas e móveis para pets trazem essa consideração:

Trabalhamos para que nossos produtos desempenhem um papel fundamental nos melhores momentos de convivência e amizade entre você e seu melhor amigo, *integrados a decoração do seu lar* (Catálogo Oficial Pet South America¹¹, 2015, p. 62, grifo meu)

Mobiliário pet *integrado à decoração da sua residência*, aparador, mesa de centro, estante, criado-mudo, apoio de cama, todos adaptados ao seu pet (Catálogo Oficial Pet South America, 2015, p. 70, grifo meu).

Apresenta uma nova proposta de produtos, aliando funcionalidade e arte. A proposta é *inserir os produtos do animalzinho à decoração da casa*, com muita classe, diversão e bom gosto (Catálogo Oficial Pet South America, 2015, p. 75, grifo meu).

Todos esses elementos apontam para uma complexa ligação entre consumo e afeto. Algo que não é exclusivo das relações interespecíficas (BAUMAN, 2004; 2008), e sim um fenômeno agudizado em nosso tempo, que se prolonga para além das relações de afeto entre humanos e se expande para aquilo que se sente por animais de estimação. Hoje, o afeto pode ser comprovado pela fatura do cartão de crédito.

Mas mais do que isso, há algo nessa associação entre afeto e consumo que está no discurso, nas imposições que o mercado e o discurso competente médico-veterinário colocam ao indivíduo responsável pelo animal de estimação, que remete à uma configuração social de afeto: uma espécie de modelo emergente de como amar e cuidar do animal. Dessa forma, não há como desconsiderar o fato de que a relação entre humanos e animais de estimação é sim, hoje, profundamente marcada por uma humanização que atinge o segundo e um profundo consumismo que envolve a ambos.

A domesticação não é só animal – é humana também

¹¹ O evento comercial Pet South America é uma feira internacional de produtos e serviços para a linha pet e veterinária realizada anualmente em São Paulo – SP, com mais de duzentos expositores e que recebe em média vinte mil visitantes a cada edição anual. Parte da pesquisa de campo da tese foi realizada ali, com observação e entrevistas em duas edições.

O processo de domesticação não está dado nem terminado. Tampouco é exclusividade dos animais: os humanos também somos domesticados, e no caso dos animais de estimação, isso se dá de muitas formas: pelas configurações sociais de afeto e de responsabilidade que dizem como o animal deve ser cuidado; pelas mudanças no estilo de vida e na rotina que a vinda de um animal à família promove; pelas transformações e novos aprendizados que os processos de adoecimento e envelhecimento do animal exigem (aprender a aplicar injeções, fazer curativos, dar comida na boca, carregar no colo); e pela convivência, pura e simplesmente. De qualquer forma, ainda que afete a rotina e o comportamento dos humanos, é incontestável que a domesticação tenha consequências ainda mais evidentes nos animais. O mapeamento do conjunto de características das famílias multiespécies reforça as transformações que vêm ocorrendo nas relações de afeto.

A casa da família multiespécie, nesse processo de domesticação, inevitavelmente acaba por sofrer transformações: seja porque o cão come o pé da mesa ou o gato rasga todo o sofá, nos mais simples dos casos, até famílias que se mudam de apartamentos para casas em busca de espaço e bem-estar para os animais. O caso mais emblemático acompanhado foi o de Godofredo, que *morava* em um andar inteiro do sobrado da família. Quando sofreu uma queda e foi operado, todo o solo do andar foi revestido com material antiimpacto e antiderrapante. Meses depois da morte do animal, aquele espaço da casa continuava sem uso, intacto, com suas coisas dispostas no mesmo lugar.

No grupo focal realizado com mulheres que haviam trabalhado como empregadas em casas com animais ou como *pet sitters*, o sentimento, em geral, era de um certo incômodo com a possibilidade de terem seu papel como tutoras questionado, visto que todas elas também tiveram ou têm animais de estimação. A fala de uma delas foi muito clara a este respeito:

Pobre também pode ter bicho, né? Complica, porque nem sempre dá pra levar ao veterinário, então a gente reza pra não ficar doente, que nem com os filhos [risos], mas de resto é tudo igual, ração, tudo. Só que ultimamente tem tanta coisa pra bicho que a gente fica até meio assim, parece que se não comprar é porque a gente não gosta deles (Estudante III, grupo focal, 2016).

Como contraponto, vale destacar dois aspectos que apareceram constantemente na conversa que tive com as estudantes que atuaram como empregadas domésticas em casas com animais de estimação. O primeiro é o estranhamento delas diante da filhotização:

Eu entendo o que é amar um cachorro, eu tenho o meu e o amo, mas esse negócio de tratar como filho, chamar de ‘ai meu filhinho’, pra mim isso já é demais. Às vezes eu achava que ela [patroa] amava mais o cachorro que o filho dela” (Estudante I, grupo focal, 2016).

O segundo é a questão econômica em si, quando comentam o valor da ração para os animais, que “é mais cara que o quilo da carne que eu compro para mim e para os meus filhos” (Estudante II, grupo focal, 2016). Na análise das informações obtidas no campo, ficou bastante evidente que a ideia de classe precisaria ser considerada, pois como afirma Miliband,

A análise de classes só poderia tornar-se irrelevante com o advento de uma sociedade sem classes. Há um longo caminho a percorrer antes que isso se torne realidade. Mas é provável que ela se concretize menos lentamente se um número maior de pessoas, em especial na população subordinada, vier a ter uma visão acurada da realidade social e dos conflitos que estão no centro dessa realidade. A análise de classes, melhor do que qualquer outro modo de análise, torna essa compreensão possível (MILIBAND *in* GIDDENS & TURNER, 1999, p. 501).

Muitas das desigualdades de classe existentes em nossa sociedade se refletem nas relações interespecíficas, assim como as desigualdades de gênero. Atentar para isso é fundamental ao se refletir sobre as relações com outras espécies animais.

Considerações finais

Ao retomarmos aqui a noção de trabalho doméstico e trabalho de cuidar, é possível perceber que nas famílias multiespécies reforçam-se os estereótipos de gênero que remetem à mulher o cuidado, o afeto e o asseio, tanto do animal quanto do espaço que ele ocupa. A presença de um membro não humano pode então, em geral, trazer mais uma tarefa atribuída ao feminino dentro do contexto familiar – especialmente ao vincular-se

muito mais fortemente a uma relação de maternidade do que de paternidade, o que já implica as responsabilidades de cada ator. Além disso, a divisão sexual do trabalho, em relação ao animal, fica bastante evidente nos processos de adoecimento, envelhecimento e morte de animais de estimação, processos esses que foram objeto de análise da tese.

O agrupamento familiar multiespecífico, assim, ainda que apresente uma série de características próprias, carrega em si ambivalências, contradições e conflitos inerentes à família unicamente humana. Nem tudo é amor na relação entre humanos e animais.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEVILACQUA, C. e VANDER VELDEN, F. (orgs.). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba: EdUFPR; São Carlos: EdUFSCAR, 2016.

BOWEN, M. **Family therapy in clinical practice**. New York: Jason Aronson, 1978.

BURKE, P. **Como cresceu a ideia de cuidado**. Vídeo. São Paulo: CPFL, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kx1FbX0Mtxw>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

CARVALHO, R. L. e PESSANHA, L.. Famílias, animais de estimação e consumo: um estudo do marketing dirigido aos proprietários de animais de estimação. **Signos do Consumo**, v. 6, n. 2, p. 187-203, 2015.

DIGARD, J. **Les français et leurs animaux** – ethnologie d'un phenomene de societ . Paris: Fayard, 1999.

ELIAS, N. **O processo civilizador – volume I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. Sistema social humano-c o a partir da autopoiese em Maturana. **Psico**, v. 41, n. 3, p. 4, 2010.

FLICK, U. **Introdu o   pesquisa qualitativa**. ed. 3. Porto Alegre: Artmed, 2009

GAEDTKE, K. M. **“Quem n o tem filho ca a com c o”**: animais de estima o e as configura es sociais de cuidado e afeto (Tese de doutorado – PPGSP - UFSC). Florian polis: UFSC, 2017.

GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

LEWGOY, B.; SORDI, C.; PINTO, L. O.. Domesticando o Humano: para uma antropologia moral da proteção animal. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 075-100, 2015.

OLIVEIRA, S. B. C. **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção** (Dissertação de Mestrado – PPGSA/IFCS/UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PASTORI, É. O. **Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul** (Dissertação de Mestrado – PPGAS/UFRGS). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

SEGATA, J. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação** (Tese de doutorado - PPGAS/UFSC). Florianópolis: UFSC, 2012.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural – mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WRYE, J. “Beyond pets: exploring relational perspectives of petness”. *In: Canadian Journal of Sociology/Cahiers canadiens de sociologie (online)*. 34(4), 2009.